

## O Negro e o Racismo na Música Brasileira

Impossível ficar indiferente diante das cenas chocantes do assassinato, por asfixia, do americano George Floyd e das manifestações que se seguiram pelas principais cidades americanas. Para nós, no Brasil, fica um misto de solidariedade, empatia e uma vergonha velada, por não termos tido a mesma dignidade e postura diante do assassinato covarde do menino João Pedro, de apenas 14 anos, em meados do mês passado pela polícia carioca.

A verdade é que, terrivelmente, o assassinato de jovens negros nas periferias do Brasil virou recorrente e o privilégio do silêncio se instalou. Segundo dados do IBGE, entre 2012 e 2017 foram registradas 255 mil mortes de negros por assassinato. Do ponto de vista estatístico, os negros têm 2,7 mais chance de serem vítimas do que os brancos. Mas, evidentemente, não é só na violência que a questão racial se manifesta, a renda média mensal de negros foi 43% menor que a renda média mensal de brancos em 2017. Do total da população negra com idades entre 18 e 24 anos, 55,6% está cursando ensino superior. Quando olhamos a população branca na mesma faixa etária, esse percentual sobe para 78,8%.

Os dados acima, somados ao preconceito racial vivido cotidianamente pela população negra no Brasil, fazem parte de um processo histórico. Nunca é demais lembrar que fomos a principal economia do mundo a utilizar mão de obra escrava negra, além de termos sido o último país das Américas - e penúltimo do mundo - a abolir a escravidão em 1888.

Apesar do preconceito tão latente e presente em nossa sociedade, é impossível pensar o Brasil e o povo brasileiro sem a forte influência cultural do povo negro africano. Essa influência é visível na dança, culinária, linguagem, religiões de matrizes africanas e, claro, na música. É do lundu, dança e batuque do século XVIII, que se origina o maxixe e, a partir deste, o samba no século XX.

Para a playlist dessa semana, selecionamos um conjunto de canções brasileiras que falam da questão racial. Cronologicamente, é interessante observar como o tema aparece de maneira quase ingênua, subliminar, como no samba Preconceito, de Wilson Batista, 1941: “Eu nasci num clima quente / Você diz a toda gente / Que eu sou moreno demais / Não maltrate o seu pretinho / Que lhe faz tanto carinho / E no fundo é um bom rapaz”. E como, no transcorrer do tempo, o tema transforma-se em algo explícito, com caráter de denúncia e crítica social, como acontece com A Carne, gravada por Elza Soares em 2002: “A carne mais barata do mercado é a carne negra / Que vai de graça pro presídio / E para debaixo do plástico / E vai de graça pro subemprego.”

Produzir uma música que construa uma identidade de grupo, que contribua para a autoestima e que, ainda, denuncie as diferentes formas de preconceito tem sido o caminho encontrado por compositores e intérpretes negros para falar dessa questão. Que a música e a arte possam contribuir para a promoção da igualdade racial.

Para ouvir a playlist:

<https://open.spotify.com/playlist/2dRI26UB7zGuShb0EsUmQH?si=atG-SHLBSCG45lnfJYxbyQ>

Instituto Equipe Cultura e Cidadania